

Dia do Índio

Ameaça de extermínio ronda aldeia indígena

As vésperas das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, as tribos da região vivem em total abandono

LUIZ GOMES OTERO
Da Sucursal

Um índio descerá de uma estrela colorida brilhante. De uma estrela que virá numa velocidade estonteante. E pousará no coração da América num claro instante. Depois de exterminada a última nação indígena e o espírito dos pássaros das fontes de água límpida, mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias ...

Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico, do objeto sim resplandecente descerá o índio.

E as coisas que eu sei que ele dirá fará não sei dizer assim de um modo explícito.

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos, surpreenderá a todos não por ser exótico. Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto quando terá sido o óbvio. (Caetano Veloso, Um Índio, 1977).

Hoje, Dia do Índio, às vésperas das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil a população

indígena da região não tem praticamente nada a comemorar. Sem recursos e esquecidos pelas administrações municipais, estaduais e federais, os índios guaranis do Litoral Sul vêm sofrendo um lento e desgastante processo de abandono, que resulta no aumento da mortalidade infantil, caminhando, assim, para o processo de extermínio completo de sua raça. Para os líderes da Aldeia Indígena do Rio Branco, em Itanhaém, os índios não têm motivos para festejar o dia que lhes foi dedicado no calendário pelos homens brancos.

O primeiro cacique da Aldeia do Rio Branco, Arlindo Vicente da Silva, cujo nome indígena é Quaray, explicou que em 97, a aldeia foi visitada por uma parlamentar da Assembléia Legislativa e contou com o apoio da Unidade Volante de Saúde da Prefeitura. "Mas, este ano, nada foi divulgado para nós e continuamos do mesmo jeito, ou seja, completamente esquecidos".

Segundo Quaray, os indígenas continuam sobrevivendo da venda de palmito nas feiras livres sema-

nais, e com dificuldades de locomoção. "A estrada do Mambú está cada vez pior, e a Prefeitura há muito tempo não cede o transporte. Temos que pagar R\$ 150,00 para o motorista do caminhão pela viagem da aldeia até o Centro".

O segundo cacique da Aldeia de Itanhaém, Anísio Tupã Mirim, explica que os índios só recebem promessas. "Ou, então, iniciativas incompletas, sem continuidade. No ano passado, fomos visitados por parlamentares e pela Prefeitura, mas até agora, nada surtiu efeito".

Quaray disse que a Funai não dá a devida atenção à aldeia. "Nossa enfermaria continua sem enfermeiro e com poucos medicamentos. Como estamos muito distantes do Hospital Municipal, encontramos muitas dificuldades para nos deslocarmos em casos de doenças".

Ele acredita que a população tupi-guarani está condenada ao extermínio por causa da falta de ação dos órgãos governamentais. "Não sabemos mais a que setor da comunidade devemos recorrer".



Sem qualquer tipo de assistência, os índios da Aldeia Rio Branco enfrentam dificuldades para sobreviver

Venda de palmito é opção da maioria Campanha vai arrecadar remédios e mantimentos

Os índios das aldeias de Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe enfrentam os mesmos tipos de dificuldades. A maior parte sobrevive da venda de palmito nas feiras livres. Com frequência, alguns deles são vistos em bares consumindo bebidas alcoólicas em excesso.

O presidente do Movimento de Defesa da Vida, Condesmar Fernandes de Oliveira, admite que o trabalho desenvolvido por organizações não-governamentais surtiu muito pouco efeito no Litoral Sul. "Mas, pelo menos tem conseguido evitar problemas ainda maiores, principalmente em relação a demarcação das terras das aldeias, um das batalhas mais duras deste processo".

Ele criticou a ausência de um representante das tribos no Comitê de Bacias Hidrográficas da Baixada Santista. "Algumas decisões tomadas recentemente poderiam ter conseqüências nefastas para esta população, como a proposta apresentada pela Sabesp, que pretendia concentrar no Rio Bichoró, em Mongaguá, o lançamento de águas de sua estação de tratamento. Felizmente, eles mudaram de idéia e parece que vão

construir um emissário submarino".

Para Condesmar, a integração entre as duas culturas pode e deve existir. "É a única maneira de conseguirmos preservar o que ainda resta da cultura deles. Há muitos anos, a Funai se encontra desestruturada, e os representantes de comunidades indígenas de todo o País reivindicam uma revisão na política indigenista por parte do Governo Federal. Mas, até o momento, nada foi feito para melhorar as condições de vida dessas populações".

Condesmar é favorável ao trabalho conjunto entre as entidades que prestam serviços nas aldeias. "Somar esforços é muito mais produtivo do que dividir. Por isso, a troca de idéias e experiências deve ser bem aproveitada pelos integrantes desses órgãos".

Segundo Condesmar, algumas organizações que lutam pelo interesse e pelos direitos dos índios são: Grupo Nhandeva de Educação Ambiental (Genea), telefone (013) 464-2854, SOS Bartira (011) 548-6903, a Comissão Pró-Índio (011) 864-1180 e o Movimento de Defesa da Vida (013) 232-9348.

Para o ambientalista Ernesto Zwarg e para o comerciante Cláudio Oliva, os índios do Litoral Sul necessitam de uma atenção especial por parte das autoridades. Preocupados com a situação atual, eles pretendem promover uma caminhada em solidariedade até a Aldeia do Rio Branco, para arrecadar mantimentos e roupas para os índios.

"A população indígena de Itanhaém há muito tempo deixou de ter uma cultura própria, passando a adotar a cultura do branco, misturando os dois conhecimentos de forma desordenada", explica Zwarg. Ele acredita que ainda é possível reverter esse quadro. "Mas, eu acho que eles teriam que reaprender a sua cultura. Parece estranho ter que ensinar para o ín-

dio quais os seus conhecimentos básicos, mas é realidade".

O comerciante Cláudio Oliva abre o Mercado Municipal todas as quintas, de noite, para os índios poderem ter onde dormir antes da montagem da feira. "Eles fazem uma viagem dura e pernoitam aqui às quintas, para poderem vender palmito no dia seguinte, na feira. É muito triste a situação em que

eles se encontram".

Oliva defende a criação, na área do Mercado Municipal, de um centro de atendimento aos indígenas. "Já que eles adotaram este local como um ponto de chegada e saída para a aldeia, a Prefeitura poderia instalar um posto fixo de atendimento para saber como está a saúde dos que vivem na aldeia".

Conselho desenvolve trabalho com tupis-guaranis

O Conselho Indigenista Missionário de Itanhaém (Cimi) continua desenvolvendo um trabalho alternativo na Aldeia do Rio Branco, voltado para a subsistência do índio, buscando não interferir na sua cultura. Por meio do projeto, os índios plantam e colhem banana nas terras da aldeia e vendem diretamente a comerciantes da Capital.

Um dos membros do Cimi, Almir Baldissarelli, disse que a

característica migratória dos índios tupis-guaranis dificulta o bom desenvolvimento do trabalho. "Isto faz parte deles, e você não pode querer mudar. Mas acredito que os trabalhos vêm rendendo bons resultados, apesar destes obstáculos".

Ele informou que atualmente, na aldeia, existem 30 índios, entre homens, mulheres e crianças. "Este número, há alguns meses atrás era maior, cerca de 80. Mas,

houve uma migração recente de parte desse contingente para Cananéia".

O trabalho de plantio e colheita da banana é coordenado por Baldissarelli e Darcy Cicconetti, que conseguiram uma parceria com comerciantes de São Paulo. "Eles compram a banana dos índios, que é transportada da aldeia até os estabelecimentos comerciais. É uma maneira de eles conseguirem recursos, sem depender

de terceiros", explica Cicconetti.

Para Baldissarelli, a integração entre a cultura indígena com a do homem urbano pode acontecer, de modo harmonioso. "Nós, que temos hoje mais recursos, não podemos desprezar os conhecimentos dos índios, que conhecem ervas com poderes milagrosos. E mais do que isso: temos uma dívida para com este povo, que vive nestas terras há muito mais tempo que nossos ancestrais".